

Módulo 5 Video Classe 2: Entrevista com Drauzio Varella

Amanda Rossi Olá! Bem-vindas e bem-vindos a mais um vídeo do nosso curso "Jornalismo na Pandemia: Cobertura da COVID-19 agora e no futuro". Estamos no Módulo 5, falando sobre infodemia, a epidemia de desinformação sobre o coronavírus. E hoje a gente tem o prazer de conversar com um médico que é um dos principais comunicadores sobre saúde do Brasil e do mundo, dono de uma enorme credibilidade com o público brasileiro, o Dr. Drauzio Varella. E com a Mariana Varella, editora-chefe do Portal Drauzio Varella, um dos principais portais de saúde do país. Dr. Drauzio, Mariana, muito obrigada por encontrarem um tempo para participar do nosso curso.

Mariana Varella Obrigada a você, Amanda.

Drauzio Varella Eu que agradeço.

Amanda Rossi Pra começar, eu gostaria de perguntar para o Dr. Drauzio. O senhor já tem cinco décadas na medicina, muitas décadas também na comunicação de saúde. E nesse tempo o senhor já viu várias epidemias. Para quem não sabe, o Dr. Drauzio trabalhou em Nova York nos anos 80, que foi um dos primeiros epicentros conhecidos da epidemia de Aids. Depois voltou pro Brasil, foi um dos primeiros a atender pacientes soropositivos no país. E desde então, a gente já viu várias epidemias no Brasil, dengue, zika, febre amarela e influenza. Então, antes do coronavírus, desde a pandemia de Aids, já havia boatos, mentiras e informações falsas, Dr. Drauzio? E o que mudou na desinformação sobre a COVID?

Drauzio Varella Olha, as epidemias historicamente sempre estiveram ligadas a informações falsas. Isso tem sido uma constante. Desde a gripe espanhola, desde a peste na Idade Média, as epidemias todas foram cercadas dessas... na época não se chamavam fake news. Eu peguei o início da epidemia de Aids, como você disse. E havia notícias falsas o tempo inteiro. Por exemplo, que a Aids era transmissível em banheiros públicos, que você pegava Aids quando encostava em pessoas que estavam suadas, que tinham sudorese. Teve uma época que saiu uma fake news internacional, começou na Flórida, nos Estados Unidos, onde uma pequena cidade do interior da Flórida começou a ter vários casos de Aids. E como havia muitos mosquitos na cidade, aí surgiu uma onda muito forte dizendo que Aids era transmissível por picada de mosquitos. Eu lembro que eu estava, na época, na Casa de Detenção, lá no Carandiru, em São Paulo. E na cadeia ficou uma coisa forte, nós tivemos que fazer uma campanha mesmo para dizer que o mosquito não transmitia a doença de forma nenhuma. Agora, a diferença qual é? Agora a diferença é que nós temos a internet como um meio muito importante de transmissão de informação. Então, as fake news correm mais rápido, muito mais depressa. Qualquer coisa que surge, um idiota qualquer coloca na internet e outros vão disseminando, jogando essa informação para a frente. Isso potencializa muito o risco de notícias falsas adquirirem notoriedade e se espalharem pela população.

Amanda Rossi Com relação ainda à COVID-19, Dr. Drauzio, a gente vê que no Brasil, mas também em outros países, nos Estados Unidos, há uma politização em torno da pandemia, em torno da solução dada para a pandemia. É claro que ela sempre vai ser política, porque exige soluções políticas, mas virou motivo de disputa política. Isso também aumenta a desinformação?

Drauzio Varella Lógico que aumenta. Nós estamos vivendo aqui no Brasil o pior cenário possível. Este cenário vem justamente dessa falta de harmonia, num momento em que seria absolutamente necessário que as orientações fossem passadas de uma forma clara por todas as autoridades. E isso não acontece aqui. Nós chegamos ao cúmulo de politizar um medicamento. Eu nunca imaginei que na minha história de vida eu fosse me ver diante de um quadro assim. Você tem uma situação no Brasil hoje que as pessoas que votaram no atual Presidente da República são contra o isolamento e a favor da cloroquina. E os que os que estão na situação oposta têm uma posição antagônica. Qual é o sentido de uma coisa dessas? Inimaginável que nós chegássemos a esse nível de discordância no país num momento tão crucial. O Brasil vai pagar um preço muito alto por esse choque de opiniões entre o Ministério da Saúde e - eu não diria nem os governadores de estado - e a Organização Mundial da Saúde e o conhecimento científico que nós temos da infecção pelo coronavírus.

Amanda Rossi Vou fazer uma pergunta pra Mariana agora. Obrigada Dr. Drauzio. Queria saber um pouco, Mariana, como vocês lidam com a desinformação no Portal Drauzio Varella. Vocês recebem muitas dúvidas, por exemplo, que são baseadas em desinformação?

Mariana Varella Olha, muitas, muitas dúvidas. Como o Dr. Drauzio disse, tem essa questão da internet hoje, que facilita o acesso à informação, por um lado, faz a informação chegar a lugares que não teriam acesso por outros meios. Mas, por outro lado também, não tem uma seleção. Você recebe, por exemplo, por o WhatsApp uma informação. A informação correta vem por WhatsApp, e a desinformação também vem pelo WhatsApp, sem nenhum critério. Você que tem que selecionar suas fonte e fazer esse trabalho de curadoria, digamos assim. Que não é um trabalho fácil, não é todo mundo que conhece, que sabe exatamente quais sites confiar, em que fontes confiar ou não. Enfim, a gente recebe especificamente sobre a pandemia muita dúvida. Até porque esse é um vírus novo, pandemia começou no fim do ano passado, em janeiro deste ano. Então, a ciência ainda não tem todas as respostas, o que dificulta muito o trabalho. As pessoas especulam muito porque não tem resposta. Eu acho que a ciência também está aprendendo neste tempo todo, junto com as pessoas. Acho que nunca teve, na história, uma pandemia em que a informação circulasse tão rapidamente, que se descobrisse tanto acerca de um vírus tão novo. Mas, no momento, a gente ainda tem muitas dúvidas.

Mariana Varella Então, isso é terreno fértil. Juntando a internet com o fato de ainda não haver muita certeza sobre o vírus, sobre a ação do vírus, a gente tem um terreno fértil para dúvidas. E a gente recebe muitas dúvidas mesmo. Desde dúvidas muito bem fundamentados, que fazem todo o sentido, até dúvidas que a gente brinca que parece surreal, porque foge ao bom senso. Mas a gente tem que pensar sempre nisso quando está trabalhando com a informação: o que é bom senso para você, o que faz sentido para você muitas vezes não faz para os outros. A gente vive num país muito desigual, as pessoas tem um nível educacional muito diferente, tem acesso a informações de modo desigual. Isso se reflete nas dúvidas, nos questionamentos acerca da doença.

Amanda Rossi E como tem sido, Mariana, o trabalho de vocês em relação ao coronavírus? O que vocês têm buscado fazer para lidar com essa desinformação?

Mariana Varella Olha, informar em tempos de pandemia não é uma coisa fácil. Eu me surpreendi muito. Há uns dois anos eu fiz um curso com o CDC, Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, que era especificamente voltado para a informação em tempo de epidemia. Não é uma coisa simples. Não dá para a gente trabalhar da mesma forma que a gente trabalha em outros momentos. Informação em tempos de pandemia exige que você seja muito assertivo, que você trabalhe em tempo real, porque as coisas mudam de uma forma muito dinâmica. Que você consulte sempre as fontes corretas, sempre valorizando a ciência. E passando isso de forma muito clara para a população. E, de novo, como o país é muito desigual, a gente tem que sempre partir do princípio que a gente vai se comunicar com gente que não tem conhecimento sobre a ciência, que não tem conhecimentos básicos de ciência. Então, a informação tem que ser muito assertiva. E bem pontual mesmo. A gente está cobrindo em tempo real, sempre consultando as fontes. Sai muita coisa todos os dias. Ela é muito dinâmica, a pandemia. A gente tem que fazer esse trabalho de curadoria, de saber o que é confiável, o que tem fonte científica, de onde vem, e selecionar exatamente quais informações a gente tem que passar. E de que forma. E isso parece uma coisa simples para jornalistas, jornalistas trabalham com informação o tempo todo, a gente está acostumado a trabalhar num ritmo frenético, de receber informação e ter que passar rapidamente. Mas tem esse agravante de que a gente tem que tomar muito cuidado com a informação que a gente tá passando nesse momento. Ela tem que ser assertiva, ela tem que ser direta, ela tem que ser muito pontual, e ela não pode dar margem para dúvidas. Você não pode interpretar a notícia. Ela tem que ser muito direta, muito assertiva. E esse não é um trabalho fácil. E a gente tem feito isso desde o começo da pandemia, a gente tem acompanhado o que aconteceu nos outros países. O que tem acontecido nos outros países. A gente previa que isso fosse acontecer aqui também, mas a gente ainda não tinha ideia de como isso iria acontecer. A gente não tem uma equipe muito grande, também não é uma equipe pequena, mas é uma equipe razoável, que está totalmente voltada à cobertura da pandemia. Então, tem sido bem interessante esse trabalho. A gente tem acompanhado direitinho, e em tempo real.

Amanda Rossi Obrigada Mariana, essas informações são bem importantes para o nosso curso, para o pessoal que está assistindo a gente. Vocês têm uma equipe pequena, mas vocês têm um ativo que é fundamental, que é a credibilidade. Nesse momento, é o mais importante. Dr. Drauzio, pela experiência do senhor, as pessoas realmente acreditam nas desinformações sobre saúde? Elas realmente mudam as atitudes delas, baseadas na desinformação? E o que são os riscos que isso gera, tanto para a saúde individual quanto para a saúde coletiva?

Drauzio Varella Olha, eu acho que muitas vezes acreditam sim. A rigor, quando você recebe uma notícia dessas, quando recebe uma notícia que diz: pesquisadores da Universidade Harvard acabam de descobrir que limão impede a propagação do vírus na garganta. Você tem que chupar limão o dia inteiro. O certo seria o quê? Você acessar o site da Universidade de Harvard e checar essa informação, para saber se ela existe ou não. Mas isso, evidentemente, não é algo que as pessoas fazem. E, muitas vezes, barreiras de língua tornam essa informação inacessível. Você apelar para o bom senso das pessoas, é exatamente isso que a Mariana disse, o meu bom senso não funciona da mesma maneira que o seu. Nós temos esse tipo de notícias falsas que correm, que são inevitáveis. Eu acho que devia haver uma responsabilidade maior das nossas redes, do Facebook, do Instagram, enfim, das redes todas nossas, para impedir que isso acontecesse. Sabe? Para tirar essas propagandas do ar. Eles tem que ter alguma responsabilidade. Eles oferecem os meios para as pessoas propagarem notícias falsas e lavam as mãos. Quer dizer, você não tem controle nenhum. Essas notícias ficam circulando e não saem das páginas. É um absurdo isso. Eu acho que, no futuro, nós vamos ter que ter mecanismos - isso já passou da hora de acontecer - mecanismos que tirassem essas notícias falsas de circulação. Eu mesmo, pessoalmente, sou vítima disso. Volta e meia tô anunciando um remédio pela internet. Tem um famoso, para as dores nas juntas, que tanta gente tem, que fazem uma montagem, inclusive usando as próprias cores do nosso site, um absurdo. A gente não consegue, porque tira um entra outro, tira um entra outro. No nosso site, você abre e está escrito: Dr. Drauzio não faz propaganda de remédios, é falso. Mas as pessoas não se dão ao trabalho de ir no site, olhar para o que está escrito ali. Existe também uma ingenuidade na internet. Eu não tô falando dos usuários de internet, especialmente nas redes sociais, da pessoa que não pôde estudar. Não. Estou falando de gente que chegou à universidade, sabe, formada nas melhores escolas do país. Saem sem nenhuma informação para lidar com as notícias, para olhar a fonte, de onde estão recebendo essas notícias. Então, vocês jornalistas têm que lidar com esse problema diretamente.

Drauzio Varella Eu acho que existe aí também um ponto, Amanda, que eu sempre discordei das faculdades de jornalismo. Ao jornalista, é muito cara a discussão de pontos de vista antagônicos. E que vale como uma regra geral, uma regra áurea no jornalismo. Então, é evidente que eu quero discutir, sei lá, qual é o melhor sistema de governo. Aí, eu ouço alguém que fala a favor da República, e outro que fala a favor da monarquia. Cabe essa discussão, porque é uma discussão teórica importante ouvir os dois pontos. Em ciência não é assim. Em ciência, eu não posso ou ouvi uma pessoa que fale a favor das vacinas, por exemplo, e a outra que seja contra a administração das vacinas. Porque eu não posso fazer isso? Eu não estou ouvindo duas opiniões antagônicas só. Eu estou ouvindo uma opinião errada, e colocando essa opinião errada como se ela fosse um contraponto à opinião correta. Não pode ser assim. Há pontos em que você não tem que ouvir a opinião oposta, pelo simples fato de que ela está errada. Muitas vezes, no debate político, a verdade está no meio, num equilíbrio entre essas duas opiniões. Mas, no debate científico, não. Você não pode achar que ouvir uma pessoa que te dá uma opinião abalizada, baseada em dados científicos comprovados, e cotejar com uma opinião absurda, de alguém que não se baseou em dados científicos, e achar que a verdade vai estar no meio. Não está. A verdade está com aquele que tem uma opinião baseada em dados. E o outro está simplesmente errado.

Amanda Rossi A esse respeito, Dr. Drauzio, eu queria perguntar para o senhor, a gente vê que existem vários médicos defendendo, hoje em dia no Brasil, opiniões que são contrapostas às recomendações da Organização Mundial de Saúde, ou contraposta ao conhecimento científico. E muitos deles estão fazendo recomendações médicas. As pessoas estão acreditando no seu médico. O médico é aquela pessoa que a gente aprende que a gente tem que confiar. Nesse momento que a gente está vivendo hoje, como a gente entende que alguns médicos, as recomendações que eles estão fazendo, na verdade são desinformação?

Drauzio Varella Olha, quem devia fazer esse papel eram os nossos conselhos de medicina. O Conselho Regional de Medicina, o Conselho Federal de Medicina. A eles caberia punir essas pessoas, punir os médicos, porque estão transmitindo informações erradas, informações sem nenhuma comprovação científica, informações que confundem a população. Infelizmente, os nossos conselhos são muito amarrados nessa área e não conseguem agir, por uma série enorme grande de restrições. E se isso não acontece, você fica na mão dessas pessoas. Eu lembro, um pouco antes do carnaval, havia alguém que se identificava como um médico, tinha uma clínica, dizia que você devia tomar um shot de vitamina D, na clínica dele, injetável, para não pegar o coronavírus no carnaval. Não havia nem casos de coronavírus no Brasil quando essa propaganda circulava. E isso circulou por um tempo grande. E as pessoas vão transmitindo que a vitamina D protege contra o coronavírus. Sabe, isso tinha que ter uma punição legal, as pessoas tinham que ter, eventualmente, o diploma cassado. Porque não tem condição de exercer medicina. Uma pessoa capaz de fazer, cometer um crime desses, que na realidade trata-se de um crime. Devia haver uma vigilância dos Conselhos de Medicina, punindo essas pessoas, tirando do ar, impedindo que elas disseminem notícias desse tipo. Você vê médicos que aparecem dizendo pela internet que eles têm uma forma de combater o vírus, que você tem que dar corticoides em doses altas, que você tem que fazer... Se você for olhar, são pessoas completamente inconsistentes. Eu acho que uma função do jornalista nesse tipo de situação, qual deve ser deve ser? A de primeiro checar a informação que está recebendo. Porque o jornalista, sim, tem essa obrigação, e ele tem as ferramentas para ir nos sites, para checar a informação que recebeu com fontes internacionais, com as fontes citadas. Isso faz parte da formação básica de vocês jornalistas. De não é ir passando para a frente, de jeito nenhum.

Amanda Rossi E quais são os riscos, Dr. Drauzio, para a saúde pública e para a saúde individual dessa desinformação?

Drauzio Varella Olha, os riscos são evidentes. Às vezes, são inócuos, como essa que eu falei, de você tomar limonada para combater o coronavírus. Tudo bem, se você toma limonada, eu gosto de água com limão, ótimo. Mas se você toma limonada e continua tomando as outras precauções, tudo bem. O problema é que, quando você transmite uma informação como essa, tem gente que diz: ah, eu vou ao supermercado sem a máscara, porque eu estou tomando limonada todo dia, eu gasto cinco limões por dia. Esse é o problema todo. Quando você afrouxa as medidas que são comprovada cientificamente em nome de ações absolutamente inúteis. Esse é o risco que a gente corre.

Amanda Rossi Obrigada Dr. Drauzio. Mariana, queria voltar pra você de novo, pra te perguntar com relação à distribuição da informação verdadeira. É difícil fazer a informação verdadeira chegar às pessoas, chegar nas pessoas que receberam as informações falsas, por exemplo, fazer o contra-ataque da informação verdadeira contra o ataque da informação falsa?

Mariana Varella Olha, é difícil basicamente por dois motivos. O primeiro é o seguinte.. Eu nem gosto de usar a palavra "fake news" ou "informação falsa", sabe? Porque informação falsa, para mim, é uma informação que circula por algum erro. Por exemplo, o jornalista não apurou direito, ou recebeu uma informação errada de uma fonte. Isso pode acontecer com qualquer profissional, quem nunca passou por isso. Isso para mim é informação falsa. O que existe hoje são campanhas de desinformação. São desinformações produzidas com o intuito de desinformar mesmo. Então eu nem falo que são informações falsas porque isso para mim é outra coisa. Então, é muito difícil, porque você tem grupos muito bem organizados, que disseminam essas informações, às vezes com intuito político, ou com o intuito de vender algum produto. Enfim, vários motivos. É muito difícil você combater isso, porque existe dinheiro envolvido existe. Existem vários grupos financiados também, que circulam essas informações. Enfim, isso ganha uma força muito grande, principalmente via WhatsApp. Hoje, a grande ferramenta de circulação de desinformação é o WhatsApp. Segundo, uma pergunta que todo jornalista deve fazer é: até que ponto isso aqui é relevante para rebater, ou eu vou com o meu trabalho dá mais visibilidade a uma desinformação que iria morrer naturalmente, que não tem muita força para circular? É difícil a gente saber isso. Às vezes, a gente pensa: vamos falar disso? Não vamos, porque isso vai fazer com que essa desinformação circule mais, a gente vai acabar dando palco para essas pessoas, para esses grupos. Por outro lado, chega às vezes num nível em que a desinformação foi tão disseminada que você tem que combater.

Mariana Varella O que a gente tenta é combater a desinformação com a informação correta, sem tentar dar muita visibilidade para a desinformação que tá circulando. Então, por exemplo, no caso da limonada. Em vez da gente falar: "tem circulado uma informação sobre a limonada", que isso vai dar uma visibilidade, uma força, um respaldo para esses grupos que estão circulando essa informação... A gente coloca, simplesmente, uma matéria, por exemplo assim: "limão não ajuda no combate ao coronavírus", por exemplo. Sempre com informações mais assertivas e evitando dar mais visibilidade para esses grupos que têm o intuito de desinformar. De novo, ele não passa informação errada porque eles são equivocados. Eles fazem de propósito. Isso é muito claro. A gente vê isso nos grupos anti-vacina, por exemplo. Há toda uma estrutura, internacional inclusive, com apoio de grupos de ação nos Estados Unidos, na Europa, que conversam, que circulam, que colocam dinheiro nisso. Então, são campanhas muito focadas para desinformar mesmo.

Amanda Rossi A gente vê que também faz parte dessa dessa estratégia tentar minar a credibilidade das pessoas que estão passando a informação credível, como a própria Organização Mundial da Saúde. O Dr. Drauzio falou que vocês também são alvo dessas campanhas. E a gente vê também que muita gente acessa a notícia pelo WhatsApp, e não consegue sair do WhatsApp, porque o plano não permite que a pessoa acesse um site ou outro. Pra gente finalizar. Já são vários aprendizados nessa conversa com o Dr. Drauzio, com a Mariana. E a gente está em busca de uma vacina e de um tratamento, esperando que a ciência consiga encontrar uma vacina, um tratamento contra essa pandemia. E com relação a essa infodemia? Como a gente conversou, não é a primeira vez, mas dessa vez ela está mais acentuada pelos meios de comunicação, pela divisão política em torno das soluções para a pandemia. Mas provavelmente a gente também vai continuar enfrentando isso ao longo da pandemia de coronavírus e também pode enfrentar isso futuramente. Uma pergunta pra vocês dois: o que pode ser feito em relação à desinformação da saúde? Para evitar, não só para a gente combater. Pra gente se vacinar contra isso como sociedade?

Drauzio Varella Olha, eu acho que nós temos que cobrar das redes sociais responsabilidade em relação ao conteúdo que elas transmitem. Não é possível que tanto avanço nós tenhamos hoje na coleta de dados, o Big Data, não nos permita desenvolver ferramentas capazes de detectar essas informações e de impedir a disseminação delas. Eu não consigo me conformar com isso. Sabe, com todos esses avanços que nós tivemos, nos últimos anos, de controle da informação, de criar mecanismos para divulgação de informações, nós não sejamos capazes de desenvolver ferramentas capazes de bloquear, em condições de retirar do ar essas informações que são falsas. Algumas delas são muito perigosas. Aí, você fica na mão do que corre. E você não tem controle nenhum. Isso pode ser disseminado. Você vê que há boatos que são disseminados com uma rapidez tão grande, que onde vai parar? Eu acho que tem que haver um controle também de organizações locais. No caso da medicina, os próprios conselhos médicos têm que punir as pessoas, os médicos associados no caso, que divulgam esse tipo de notícia. Porque, quando você ouve uma notícia que vem da sua vizinha, você sempre tem uma desconfiança, porque a vizinha não é uma pessoa preparada pra dar informações médicas. Mas quando você vê um médico falando, em princípio, você acredita, é um profissional, se formou, preparado. Isso tem que ter a vigilância mesmo, permanente. Eu acho que, especialmente, o jornalista tem que sempre estar atento, sempre. Hoje em dia, com essa quantidade enorme de informações que a gente recebe, tem que sempre desconfiar, tem que sempre procurar checar a fonte, não pode repetir, porque isso desmoraliza o próprio jornalista.

Mariana Varella Eu concordo. Sabei uma pesquisa, no ano passado, do Instituto Gallup, que foi uma pesquisa feita no mundo todo, avaliando a crença na ciência, como as pessoas avaliavam a ciência, qual a importância na ciência na vida das pessoas. E a gente teve um dado muito estarrecedor: 35% dos brasileiros dizem que a ciência não merece confiança. Não acreditam na ciência. E 1 em cada 4 pessoas acha que a produção científica não contribui para o país. Isso acontece por vários motivos, que não cabe avaliar agora. Mas a gente sabe que a gente tem uma população que tende a não valorizar a ciência. E quando a gente vai trabalhar, por exemplo, com jornalismo científico, a gente vai trabalhar com ciência. Então, como você vai passar um conhecimento que a própria população não valoriza, não considera correto? Eu acho que, primeiro, o profissional, exatamente isso, tem que tomar muito cuidado com as fontes que ele seleciona. Concordo, com o que o Dr. Drauzio falou, não é para dar espaço para todo mundo, sabe. Essa coisa da gente ter que ouvir os dois lados, isso tem um limite, né. Às vezes, quando

um lado vem propagando notícias falsas, com desinformação, com frases que violam direitos humanos... Essa pessoa na minha opinião não tem que ter espaço. A gente tem que ter muito cuidado ao selecionar as fontes. E lembrar sempre para quem a gente está falando. Lembrar que a gente vive num país desigual, em que a população tem um nível educacional muito baixo, e nesse momento agora, que a gente está vivendo, existe essa descrença na ciência. Aí, eu não digo só a medicina, na ciência política, nas ciências sociais também, nas universidades, nos trabalhos universitários, nos professores, nos profissionais da mídia. Existe uma diferença muito grande em relação a tudo isso. Então, a gente precisa sempre ter cuidado na seleção das fontes. E insistir na informação de modo bem acessível e assertivo. Eu acho que essa é a nossa ferramenta, no momento. Mas é uma batalha muito dura mesmo. A gente já começa com uma certa desvantagem, porque essas pessoas não estão preocupadas em serem éticas. Elas não estão preocupadas em serem corretas, em passar a informação verdadeira. Então, não tem limite. Qual o limite de grupos que querem passar desinformação e fazer as pessoas acreditarem em algo que eles sabem que não é verdade? Não tem limite, né. Então, é muito difícil a gente combater isso.

Amanda Rossi Como o Dr. Drauzio colocou anteriormente, não é uma questão de opinião. Tem debates que são debates de opinião. Então, não dá para a gente falar de uma censura de opiniões. É uma questão de divulgar o que é realmente a verdade, o conhecimento científico. Dr. Drauzio, Mariana ,foi um enorme prazer.

Drauzio Varella Amanda, posso dar mais um palpite aqui?

Amanda Rossi Claro!

Drauzio Varella Para os mais jovens. Eu trabalho com informação médica desde 1983, quando fiz um primeiro programa na rádio Jovem Pan, de São Paulo, que era uma rádio muito popular na época, e escrevi um longo artigo pro jornal O Estado de São Paulo, sobre a Aids. E desde então eu tenho dedicado uma parte importante da minha carreira a isso, a informação médica. Eu acho que a dificuldade quando você transmite esse tipo de informação médica, qual é: você tem que encontrar uma linguagem que todos entendam. Portanto, você tem que simplificar a linguagem que você usa, tentar torná-la mais coloquial a ponto das pessoas todas entenderem. Só que, quando você publica um artigo no jornal, ou você faz uma entrevista, enfim, em qualquer meio de comunicação, você tem que pensar que aquela informação tem que atingir a pessoa mais humilde, às vezes iletrada, às vezes analfabeta, mas ao mesmo tempo vai atingir pessoas altamente informadas, pessoas cultas, pessoas com um nível superior de formação. Então, a informação tem que ser posta com clareza, numa linguagem simples, para a mais humilde entender, mas que ela não ofenda a pessoa que tem uma formação maior, para ela não achar que você fez uma simplificação ridícula. E esse é um desafio, ninguém nasce sabendo. A gente tem que estar sempre atento e sempre pensando nisso. E a gente acerta, muitas vezes, outras vezes erra. E é por este conjunto de acertos e erros que a gente acaba evoluindo na profissão ou na atividade.

Amanda Rossi E conquistando a credibilidade, né, Dr. Drauzio. Acho que isso tudo está por trás na comunicação de saúde que vocês conquistaram. Então, quando, nessa mar de informação ruim que a gente vive, quando tem Drauzio Varella envolvido, a gente já sabe, o público brasileiro já sabe que é uma formação que a gente pode confiar. Tenho certeza que foi muito bom para os nossos 2 mil participantes em língua portuguesa. Quero agradecer muito por vocês dividirem essa experiência na comunicação sobre saúde e como lidar com desinformação. Foi um prazer contar com vocês no nosso curso. Muito obrigada, Dr. Drauzio e Mariana.

Obrigada, eu só queria falar uma coisinha, rapidinho. Eu acho que o jornalismo tem que sempre lembrar, principalmente quando for um jornalista técnico, na área de economia, de ciência, de política, que a gente deve trabalhar meio como um tradutor. Porque, muitas vezes, quando você conversa com pessoas técnicas, elas usam linguagem que elas estão acostumadas a usar, que elas conhecem. E a gente não pode simplesmente trazer essa linguagem do jeito que ela foi dita, que ela foi trazida para você. Tem que traduzir para a população, lembrando que isso que o Dr. Drauzio falou, que a gente vai conversar com um público muito diverso.

Amanda Rossi Muito obrigada, um prazer e bom trabalho para vocês, para continuar produzindo informação de qualidade e lutando contra a desinformação.

Mariana Varella Obrigada!

Drauzio Varella Tchau, gente!